

A potência das corporeidades escolarizadas e as subversões de si: quando a trinca Foucault~Deleuze~Guattari encontra com os Estudos de Gênero pós-críticos

Thais Adriane Vieira de Matos¹

Cláudia Madruga Cunha²

Resumo

Este ensaio tem como tema as potências do lugar~corpo infantil nas aulas de Educação Física escolar e se apoia na perspectiva da Filosofia da Diferença. Com este norteamento, analisa os discursos normativos sobre a chamada diversidade de gênero e sexual e as diretrizes oficiais desse componente curricular. Faz uso da interpretação de Gilles Deleuze da noção de ética em Espinosa no pensar o corpo escolarizado de modo afirmativo e não identitário, tomando como metodologia a pesquisa rizoma ou a cartografia deleuzeana-guattariana e o gesto genealógico foucaultiano. Alinha ambas as premissas teóricas~metodológicas a desdobramentos conceituais que atravessam as epistemologias de gênero pós-críticas e a teoria *queer* com destaque para as obras de Judith Butler e Paul B. Preciado.

Palavras-chave: Corpo; Estudos de Gênero; Educação Física escolar; Filosofia da Diferença.

The power of schooled corporeities and the subversions of self: when authors Foucault~Deleuze~Guattari meets with post-critical Gender Studies

Abstract

This essay has as its theme the powers of the place~infant body in school Physical Education classes and is based on the perspective of the Philosophy of Difference. With this guidance, it analyzes the normative discourses on the so-called gender and sexual diversity and the official guidelines of this curricular component. It makes use of Gilles Deleuze interpretation of the notion of ethics in Espinosa in thinking the schooled body in an affirmative and non-identitarian way, taking as methodology the rhizome research or the Deleuzean-Guattarian cartography and the Foucaultian genealogical gesture. It aligns both theoretical and methodological premises with conceptual developments that

¹ Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Paraná e pesquisadora do Programa de Excelência Acadêmica – PROEX/CAPES. Email: thaisadrianematos@gmail.com.

² Doutora e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Email: cmadrugacunha@gmail.com.

cross post-critical gender epistemologies and queer theory with emphasis on the works of Judith Butler and Paul B. Preciado.

Keywords: Body; Gender Studies; School Physical Education; Philosophy of Difference.



Imagem 1. Fonte: Pinterest.

Esta escrita, que compõe uma tese em desenvolvimento, aponta ao por vir, emoções por vir, corporeidades por vir, relações por vir, não se assenta no já dado e, muito menos, em expectativas já postas. Tencionando o par poder e resistência que na teoria foucaultiana é inseparável, o que se traz para o debate pontualmente resiste aos arranjos biopolíticos de controle e autoregulação e é o que denominados como *lugar~corpo infantil*. Trata-se, esse lugar, de um modo subjetivo de pertença, uma micropolítica que se atravessa no plano de um capitalismo neoliberal junto às chamadas correntes progressistas, forças que se instalam na escola básica e demandam políticas

públicas e modos de resistência vindos das minorias de gênero e sexuais, mecanismos que desde a infância no contexto escolar entre outros, buscam o governo da população LGBTI+³ inaugurando formas outras de captura desses corpos. Ao problematizarmos esse *lugar~corpo infantil* como uma instância que se desenha entre saberes e poderes que permeiam o ambiente escolar, buscamos as possibilidades de uma *educação menor*, numa prática experimental que lança mão de certos encaminhamentos metodológicos que objetivam a percepção de si no ensino da Educação Física escolar.

A estética e a ética que compõe esse objeto do pesquisar é traçada em meio à trinca Foucault~Deleuze~Guattari, reverberando nos Estudos de Gênero pós-estruturalistas e nas teorias feministas inspiradas pelas mesmas marés nietzschianas e espinosistas. Michel Foucault manifestou a metáfora da *Cidade do Sol* em comparação ao corpo (2013), que este seria em sua materialidade o lugar da única utopia possível em *Les corps utopique, les heterotopies*⁴, uma ocupação de espaço na qual *saber* possui uma forma nos modos como alcança ser uma prática, ao passo que, *poder* é uma força que atua entre outras forças. Sendo assim, ao nos chamar atenção para a existência de sobreposições que se referem ao saber e o tornam uma disputa constante entre enunciados discursivos e visuais e, ao entender que o poder é a práticas das forças e a estratégia das forças, Foucault (2014) abre espaço para o sujeito múltiplo, simultaneamente, ativo e passivo em relação ao contexto que o cerca.

A análise deste contexto por narrativas, discursos, expressões visuais e subjetividades proposta por Michel Foucault, será posteriormente desdobrada na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, quando esses, por sua vez, propuseram uma metodologia rizomática, que faz uso da cartografia visando acompanhar os movimentos

³ Essa sigla possui inúmeras formas de se apresentar ao buscar representar as mais variadas identidades de gênero e orientações sexuais. Aqui optei por esse formato entendendo politicamente suas limitações já que existem outras maneiras de representar, nomear e expressar a identificação ou não identificação com o gênero de viés binário e com as práticas sexuais heteronormativas, entretanto, ressalto que toda forma de identificação estabelece seus limites, zonas de exclusão e de delimitação de características identitárias que serão questionadas pela teoria *queer* e pelos Estudos de Gênero pós-críticos.

⁴ No português *O corpo utópico, as heterotopias* é uma obra bilingue que reuniu a transcrição de duas conferências radiofônicas proferidas pelo Foucault em 1966, além de um posfácio escrito por Daniel Defert que foi o grande amor de Michel Foucault.

das práticas de saber-poder subjetivas e objetivas que configuram redes microscópicas e operatórias, atuando sobre o corpo escolarizado e o ensino da Educação Física. Tais redes de saber-poder são adequadas por Deleuze e Guattari na passagem de uma micropolítica do poder para uma micropolítica do desejo, dos modos de subjetivação e de agenciamentos que atuam sobre o corpo desde a infância.

A fim de cartografar e analisar os modos de produção de subjetivação, de assujeitamento ou de agenciamento dos modos de ser, desejar enquanto querer e de exercício do poder, encontramos no livro *Mil platôs v. I* o rizoma de Deleuze e Guattari (1995), como um mapa dinâmico que localiza caminhos, linhas e vetores percorridos pelo objeto de pesquisa, que aqui seria a potência do corpo infantil, sugerindo uma microanálise do real ou um *saber menor*, saber com o qual uma professora torna-se pesquisadora da própria prática e escolhe não subir ao altar da “consciência” de onde poderia se proteger e olhar para “baixo” numa analítica que julga a realidade a partir de um único prisma centralizador.

O entendimento que buscamos para fins de provocar a criação de novos saberes, no sentido rizomático, sobre o *lugar~corpo infantil* nos conduz a questão: “O que pode o corpo?” pergunta de Espinosa, retomada por Deleuze (2002) e por inúmeras leitoras⁵ (MOSSI, 2015; ÁVILA; FERLA, 2017). Esta questão fundamental sobre o corpo, que o prioriza, perante a consciência, dá ao corpo não o sinônimo de poder, mas de potência, qualidade do que pode vir a se tornar, modificando-se potencialmente, induz a pensar no sujeito que se percebe e se autocria, a partir de seus afetos. O que nos conduz a outra questão: Pode o ensino e as práticas da Educação Física escolar colaborarem para uma formação que dinamize as potências dos corpos infantis ao invés de docilizá-los? Perguntando-nos como essas práticas de ensino podem contribuir para romper com um *lugar~corpo infantil* pré-disposto ou pressuposto na escola, nos documentos que regem a gestão escolar, nas políticas que atravessam o currículo e a docência, reproduzindo o

⁵ A escrita no feminino tem que ver com trazer as vozes das mulheres trans ou cis para o centro do debate acadêmico, numa escolha linguística que é também política, ética e estética.

que vem da representação de uma ordem de mundo imposta, que adapta corpos à comportamentos socialmente pretendidos.

No momento atual os procedimentos de uma pesquisa rizoma vão aos poucos se delineando por meio de linhas que ora se sobrepõem e ora se bifurcam e multiplicam, na tentativa de estabelecer um lugar de percepção sobre as condições de saber – discursos, expressões e visibilidades, e de poder – forças, biopolíticas e vetores, sobre os modos com os quais se instalam micropolíticas que perpassam e constituem o ambiente escolar demandando às corporeidades infantis uma escolarização específica, disposta na Educação Física enquanto componente curricular. O objetivo desta problematização está em favorecer a construção de outras possibilidades de ação sobre o trânsito das corporeidades infantis na escola, ao sugerir a criação de planos de ensino e de significação orientados por uma *pedagogia da diferença*.

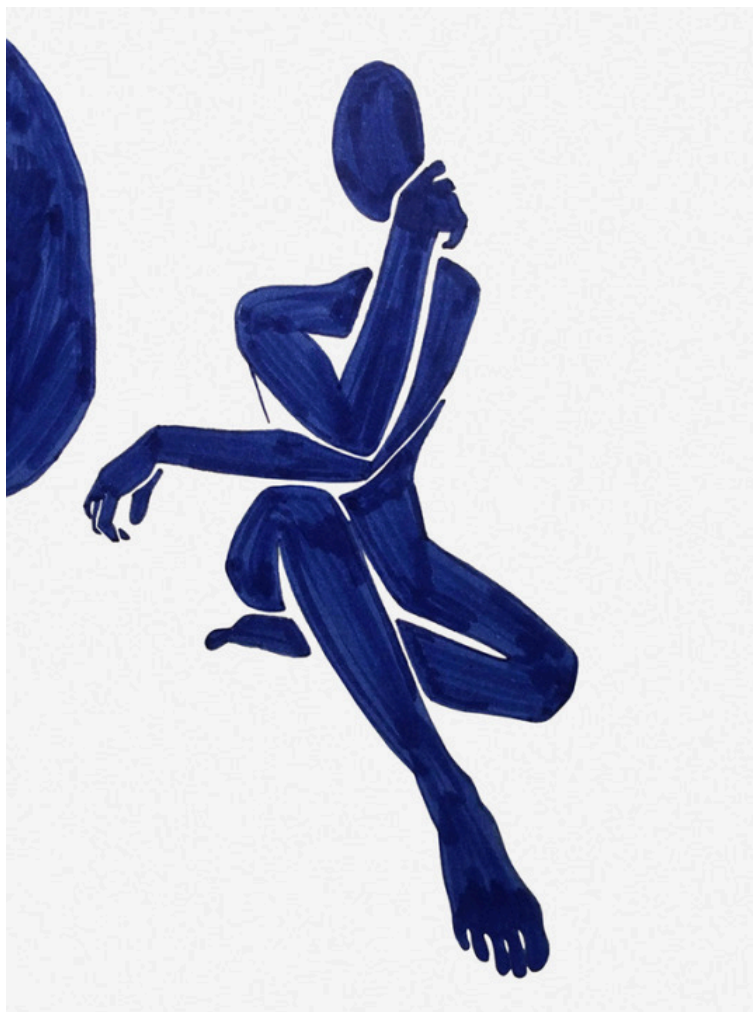


Imagem 2. Fonte: Pinterest.

Da captura aos processos de resistência

Michel Foucault (2010) que modificou a forma como se entendiam as relações de poder na sociedade, apontando que estas não se dão verticalmente, mas espraiam-se num exercício micropolítico e capilar dos poderes. Já no início de seus escritos, na *História da loucura* de 1961, tratou dos temas que perpassam os efeitos negativos de saber-poder e, mais adiante, em *Vigiar e punir* de 1975, Foucault deu atenção às práticas do poder quando colocou questões dirigidas às resistências e a positividade das contracondutas; em um terceiro momento de sua obra, passou a problematizar a *estética da existência* e o *cuidado de si*. Estes últimos temas nos interessam, sobretudo, pois

tratam de processos particulares ou de modos singulares de existir, menores por assim dizer, que não se enquadrariam, por exemplo, em metanarrativas de representação da infância ou das corporeidades infantis.

Os posicionamentos analíticos instaurados por Foucault apresentam-se como importantes ferramentas para pensar em uma subversão da representação vindas dos processos molares e moleculares da atualidade em nossa sociedade neoliberal, que se impõe ao corpo infantil escolarizado. Representação que opera na subjetivação dos corpos infantis através de forças que nos interessa localizar, pontuando ideias humanistas retrógradas que se ancoram na perspectiva iluminista e na sua promessa de liberdade ligada a uma lógica de exercício de poder que se quer libertária e salvacionista. Essa questão é transpassada por outra que tratamos quanto à legitimidade da Educação Física escolar diante das ciências humanas e não das ciências biológicas integrando a área da saúde, pois compete a este componente curricular produzir saberes pedagógicos próprios no sentido de uma ética do conhecimento escolar que é corporal. O que Adriane Terra Alves (2009) chama de posicionar-se no mundo:

A estética da existência envolve esse *êthos*, a maneira pela qual temos a possibilidade de fazer de nossa vida uma obra de arte. Promover, construir, moldar novas formas de subjetividades. Recusar o desenho da individualidade oferecido a nós. Capacitarmo-nos para, habilmente, resistirmos à comodidade de permanecermos na condição de minoridade. (p. 12)

Nesse sentido, quando se entende que a linguagem é estruturada por dualismos que remetem a uma racionalidade cartesiana e que as regras e normas linguísticas são tomadas ainda como algo superior, mais legítimo que a fala, não é de se estranhar encontrarmos com prerrogativas particulares que entendem a cultura corporal de movimento como parte do senso comum. E mais, que ignoram o fato de que o corpo fala, expressando entendimentos~emoções e criando linhas de fuga frente aos saberes e poderes já instituídos, porém ficando em último plano nas práticas da escolarização

quando o trabalho com o acervo cultural próprio das corporeidades infantis, que micropoliticamente resiste, é desqualificado em sua subjetividade imanente.

Uma proposta de estudo envolve quem a coloca e é também um projeto de vida, que visa alcançar sendo corpo em constante transformação. Trata-se de sensivelmente perceber, ponderar, vibrar, cantar, chorar e/ou gargalhar no ambiente escolar. Conduzir uma prática sensível que contribui com fechar os olhos e voltar a pisar na terra forte e gentilmente, descalça pisar o chão, tirar o tênis, sentir o solo com a pele do pé, pode ser um jeito de ministrar uma aula na qual se leva menos a sério determinadas atividades formais e se investe em acionar emoções simples, singelas, mas potentes no que se refere ao autoconhecimento. Assim, investimos numa microanálise que consiga deslocar o *lugar~corpo infantil* predefinido, predeterminado politicamente e pedagogicamente, para às *potências do corpo infantil escolarizado*, e tal movimento é buscado na revisão do *corpus* teórico da Filosofia da Diferença de Foucault~Deleuze~Guattari junto com os Estudos de Gênero pós-estruturalistas e a teoria *queer* em Judith Butler e Paul B. Preciado.



Imagem 3. Fonte: Pinterest.

Traçando um plano intensivo cartográfico

Num primeiro momento estamos nos detendo em analisar o *corpus* teórico investigando um *pensar do corpo*; buscamos as micropolíticas que mapeiam o lugar do corpo infantil na escolarização, a partir da condensação das ideias sobre o corpo presentes na obra de parceria entre Gilles Deleuze e Félix Guattari, no *O Anti-édipo* e no *Mil platôs* v. 3, bem como no *Espinosa e o problema da expressão* de Deleuze.

Em um segundo momento, o estudo abarca o *corpus* documental, para fins de traçar um paralelo entre a obra de Foucault, Deleuze e de Guattari, tendo por linha

condutora a questão da *política do corpo*, a qual apresenta um jogo de relações de poder e de resistência baseado nas performatividades que devem ser colocadas em prática também pelo corpo infantil escolarizado. Tal jogo está presente nos discursos conservadores que desde sempre criaram e procuraram manter as desigualdades sobre as experiências de vida da população LGBTI+ e que, no entanto, a partir da década de 1990 esses enunciados passaram a sustentar as iniciativas progressistas na tentativa de valorizar as “diferenças” quando se trata de chamada diversidade de gênero e sexual, mantendo o fator de hierarquização e subordinação implícito nessa lógica identitária. Articulando tudo isso ao que advém dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, para o ensino da Educação Física e da recente Base Nacional Comum Curricular – BNCC, nesse mesmo recorte de componente específico.

É preciso retomar o que disse Michel Foucault (2010) quando apresentou o acoplamento do exercício do poder disciplinar e soberano que vigorava até o século XVIII como um biopoder; em outras palavras, como um fenômeno contemporâneo que possui linhas muito sutis que remontam o passado, o que chamou de estatização do biológico. São nuances instauradas no século XIX, que nos interferem até hoje, nos nossos modos de viver ou morrer “[...] não são desses fenômenos naturais, imediatos, de certo modo originais ou radicais, que se localizam fora do campo do poder político.” (FOUCAULT, 2010, p. 202). Assim, os modos de vida de cada população passam a ser de interesse do Estado, que vai agir em prol de uma regulamentação da existência.

Não é exatamente com a sociedade que se lida nessa nova tecnologia de poder (ou, enfim, com o corpo social tal como o definem os juristas); não é tampouco com o indivíduo-corpo. É um novo corpo: corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito pelo menos necessariamente numerável. É a noção de “população”. A biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder. (FOUCAULT, 2010, p. 206).

Já Deleuze (2017) ao retomar a ética de Espinosa aterra transcendentais caros as metanarrativas das ciências humanas, o que permite questionar o dualismo cartesiano

entre o saber racional e um “não” saber da ordem do corpóreo, sustentado por um modelo tradicional de educação, pois “[...] a potência de pensar, da qual todas as ideias participam, não é superior a uma potência de existir e de agir, da qual todas as coisas participam” (ESPINOSA *apud* DELEUZE, 2017, p. 94). Interpela-nos que sejam nos modos de expressão que estão localizados os não captamentos, as linhas de fuga, os desvios aprendidos por um *saber do corpo* que passa por um poder de autoafirmação e de subjetivação inédito, imprevisto, em devir. O que nos parece ter certa afinidade com autogoverno sugerido por Foucault (2008) no sentido de uma contraconduta que parte da estética da existência e do cuidado de si.

Desenhando as linhas que se ramificam nesta análise do *lugar~corpo infantil*, apostamos na ideia de que contra o biopoder que se exerce sobre as populações marginalizadas com base nas dissidências de gênero e/ou de sexualidade é preciso utilizar-se de um poder que se faz no nível e no sentido da ética espinosista numa potência individual, em posse de saberes como os que nos são oferecidos pelas epistemologias feministas, pelos Estudos de Gênero pós-estruturalistas e pela teoria *queer*. Já que valores morais postos nas ciências humanas como bondade, caridade, respeito e tolerância seguem uma ordem racional cartesiana que não concede poder algum ao corpo, esse é passivo as vontades de uma “mente soberana” e, nesse caso, estaríamos fadadas apenas a sofrer punições e sanções sem produzir ou provocar deslocamentos subversivos na lógica identitária e de generificação dos corpos escolarizados. Para Deleuze (2017) a teoria de Espinosa coloca na substância os atributos e suas respectivas potências que só se expressam existindo no corpo e não no discurso. Como disse Paul Preciado:

O sistema sexo/gênero, ao contrário, mesmo quando seu caráter histórico não natural e construído tenha sido posto amplamente em evidência durante os anos oitenta e noventa, continua sendo descrito como uma estrutura estável, resistente à mudança e às transformações. Por isso, o sexo pode aparecer como o último resquício da natureza, depois das tecnologias terem cumprido seu trabalho de construção do corpo. (PRECIADO, 2017, p. 147).

Tal controle sobre o corpo que é reconduzido na escolarização é *anatomopolítico*⁶, na intenção de disciplinar e docilizar o individual, mas se modifica e passa no início do século XIX a ser exercido não somente sobre o corpo individual, mas também sobre o corpo populacional, as fobias em relação ao gênero e à sexualidade, quando supõe uma “verdade” sobre o sexo, deseja por fim não abrir brechas aparentes para desvios do encadeamento heterocentrado, num apelo constante a ordem de uma suposta “natureza” generificada.

Neste terceiro e último percurso remontamos a análise do *corpus* narrativo e investimos em um aparato empírico, que ousará descrever narrativas, discursos e memórias de estudantes em formação na área da Educação Física, preferencialmente os que estão atuando em espaços de residência pedagógica e/ou estágio obrigatório do curso de licenciatura da Universidade Federal do Paraná. Contando com um questionário como instrumento de análise pretendemos investigar os saberes e poderes que atravessam a construção subjetiva destes estudantes, no intuito de entender quais estratégias pedagógicas elas/es acessam quando se trata da docência em Educação Física e dos modos do fazer docente que não ignoram a generificação dos corpos infantis escolarizados. Num desfecho genealógico provisório, esta cartografia ou pesquisa rizoma dispõe de três movimentos, linhas que se constituem por meio de um diálogo entre a Filosofia da Diferença de Foucault~Deleuze~Guattari, os Estudos de Gênero pós-críticos e a teoria *queer*.

Das epistemologias de gênero na atualidade

Quando falamos a partir de Judith Butler (2016) do gênero enquanto um imperativo compulsório e binário, entendemos que as corporeidades desde muito cedo em sua socialização com a instituição familiar e, posteriormente, escolar vão sendo conduzidas a assumir e encarnar determinados discursos e gestos performativos em

⁶ Esse conceito foucaultiano tem que ver com o exercício de poder individualizado e exercido predominantemente até o século XVIII, quando as instituições como, por exemplo, as prisões põem em ação estratégias individuais dirigidas ao controle e docilização dos corpos, para aprofundamento do tema ver a obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault.

quadros bem definidos que se repetem constantemente indicando o que seria próprio do feminino ou do masculino e que desse quadro não devem desviar quando mais adiante assumirem ou não sua orientação sexual, pois a heteronorma é indissociável dos critérios dessa matriz de inteligibilidade (2016) ensinada em nossa cultura num encadeamento entre *sexo-gênero-desejo* que autores da teoria *queer* como Paul B. Preciado (2017) e Sam Bourcier (2022) chamam de heterocentrado.

Para a infância constitui-se certo mundo no qual se enquadram as crianças. Trata-se de cuidados dos mais variados modos, como por exemplo, preservarem-lhes numa sexualidade diferenciada; impedirem de trabalharem – embora contemporaneamente, existam trabalhos infantis que sejam permitidos, tais como em telenovelas – sob o saber de que tal ato compromete seu desenvolvimento; devem aprender determinados saberes nas idades cabíveis; entre outros. Por que se edifica esse mundo infantil? Por que se deve obter cuidado para com elas? Ora, as crianças são vistas como o futuro da população e, assim, visa-se protegê-las a fim de trabalhar sobre elas a ponto de constituí-las como povo por vir. (OLIVEIRA; HEUSER, 2017, p. 232).

Aponta-se a noção de infância fabricada, não meramente espontânea, assim como o processo de generificação do *lugar~corpo infantil*. Não se quer aqui rever conceitual e historicamente as noções de infância e de escola, já que esses são territórios epistemológicos próprios e vastos que podem exigir a dedicação de uma vida de trabalho de investigação e reelaboração, atentas pontualmente à noção de corpo e de generificação do mesmo, que permeia a constituição de matrizes curriculares e políticas públicas de inclusão escolar da população enquadrada como diversa em termos de gênero e de sexualidade.

O objeto deste estudo se relaciona com o ambiente escolar e com as políticas públicas educacionais de inclusão da população LGBTI+, o que nos leva a buscar especificamente estudantes que pretendem exercer a docência na educação básica, e mais, que já estejam em contato com essa realidade. Diferentemente da formação docente em Pedagogia, em que se percebe uma maioria de mulheres, pois a “[...] figura da professora mulher cotidianamente é tratada com naturalidade” (SILVA; SCHERER; DAL’IGNA, 2019, p. 127), a licenciatura em Educação Física costuma receber alunos e

alunas de maneira mais equânime, não passando pelo processo de feminização da docência mencionado pelas autoras.

A linha que agrega as demais nesta cartografia é tramada pela concepção de Corpo sem Órgãos – CsO, proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012), e pela obra *Espinosa e o problema da expressão* (2017) escrita apenas por Deleuze. O tema do corpo, desdobrado das contribuições desses filósofos pós-estruturalistas, é composto de possibilidades abertas e indefinidas, ninguém nasce sabendo o que pode vir a se tornar. No que tange o conceito de biopolítica de Foucault (2015), podemos dizer que é bastante próximo à noção de micropolítica de Deleuze e Guattari, conceito esse que ao ser associado ao CsO pode indicar saídas práticas para a produção de si. Em outras palavras aproximamos estes teóricos para encontrar saídas para uma autoprodução de si, da própria corporeidade, algo que escape aos desígnios de subjetivação impostos por biopolíticas e/ou micropolíticas, em torno dos gêneros e das sexualidades lidas como não normativas.

Na sequência destes autores trazemos Judith Butler (2016), filósofa responsável pela guinada epistemológica sofrida pelas teorias de gênero na década de 1990, quando aproxima o gênero do conceito de performatividade. Esta aproximação se dá através de uma análise apurada dos discursos acerca do gênero, o que aponta para o viés binário que perpassa estes discursos, distanciando a concepção de gênero como natural, assim o corpo vai ganhando tom de natureza conforme a expectativa social sobre sua interpretação e performatividade pode ser ou não gradualmente cumprida, em termos de cisgeneridade e de heterossexualidade, com códigos de uma matriz de inteligibilidade previamente generificada. Logo após, vem Preciado (2017) autor responsável por retomar o corpo nas teorias de gênero contemporâneas – fonte da única utopia possível para Michel Foucault (2013), já que o exercício do poder é capilar e microscópico e está sempre exposto aos processos de resistência, Preciado dirá, a partir de Foucault, que o poder “[...] circula em cada nível da sociedade (do nível abstrato do Estado ao da corporalidade)”, (2017, p. 156), por isso:

Se os discursos das ciências naturais e das ciências humanas continuam carregados de corpo/espírito, natureza/tecnologia, enquanto os sistemas biológicos de comunicação provaram funcionar com lógicas que escapam a tal metafísica da matéria, é porque esses binarismos reforçam a estigmatização política de determinados grupos (as mulheres, os não brancos, as *queers*, os incapacitados, os doentes...) e permitem que eles sejam sistematicamente impedidos de acessar as tecnologias textuais, discursivas, corporais etc. que os produzem e os objetivam. Afinal, o movimento mais sofisticado da tecnologia consiste em se apresentar exatamente como “natureza”. (PRECIADO, 2017, p. 168).

Atentas aos processos de fabricação intencional e dicotomicamente dirigidos aos corpos em sociedade, incluindo o *lugar~corpo infantil* escolarizado. Uma Educação Física escolar *menor*⁷ como diria Gilles Deleuze, pensada também com o apoio de entrevistas narrativas feitas por meio de um questionário disponibilizado remotamente para um grupo definido de estudantes em formação inicial e estágio de docência nessa área do conhecimento, bem como analisando as diretrizes curriculares oficiais, além das principais orientações metodológicas e pedagógicas desse componente curricular da educação básica, para, por fim, propor pensar a dimensão ética~estética das corporeidades infantis, pois Santiago Pich e Norma Beatriz Rodrigues (2014) ao realizarem uma genealogia dos estudos na área da Educação Física produzidos no Brasil e na Argentina cujo referencial teórico principal é a obra de Michel Foucault, discutem sobretudo os exercícios do poder disciplinar e não do biopoder.

Resumidamente, existem linhas que correspondem a momentos e movimentos de análise, que organizam essa pesquisa que faz uso da metodologia da cartografia, são perspectivas que se entrecruzam e se sobrepõe para fins compor uma análise teórica do tema. Tais linhas estão sendo organizadas por nós, mais ou menos assim: *corpus teórico* que possui como ponto de partida a noção conceitual de corpo em Deleuze e Guattari (2012; 2011) e apenas Deleuze (2017); *corpus documental* acerca das biopolíticas de inclusão da diversidade de gênero e sexual e, por fim, *corpus narrativo* no que tange as metodologias de ensino da Educação Física escolar nas memórias de discentes em formação inicial.

⁷ Para maiores informações ver a obra *Kafta para uma literatura menor* de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Fonte das imagens

1. Mais informações em: <https://br.pinterest.com/pin/472103973453131154/>. Acesso em set: 2023.
2. Mais informações em: <https://br.pinterest.com/pin/103653228917078061/>. Acesso em set: 2023.
3. Mais informações em: <https://br.pinterest.com/pin/140806231555135/>. Acesso em set: 2023.

Referências

ALVES, Adriane Terra. *A estética da existência segundo Michel Foucault*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estética e Filosofia da Arte) – Universidade Federal de Ouro Preto, 2009.

ÁVILA, Mayna Yaçanã Borges de; FERLA, Alcindo Antônio. O que pode o corpo? Corpografias de resistência. *Revista Interface*, Botucatu, v. 21, n. 62, p. 731-748, 2017.

BOURCIER, Sam. *Queer Zones* v. 1. Trad. de Henrique Provinzano Amaral e Thiago Mattos. São Paulo: N-1 edições, 2022.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. de Renato Aguiar. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. Trad. de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. *Espinosa e o problema da expressão*. Trad. do GT Deleuze – 12; coordenação de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, v. 1, 1995.

_____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnick. 2. ed. São Paulo: Editora 34, v. 3, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *Em defesa da sociedade*. Trad. de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *O corpo utópico, as heterotopias*. Trad. de Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

_____. *A ordem do discurso*. 24. ed. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

MOSSI, Cristian Poletti. Teoria em ato: o que pode e o que aprende um corpo? *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1541-1552, 2015.

OLIVEIRA, Eduardo Alexandre Santos de; HEUSER, Ester Maria Dreher. O investimento biopolítico da infância por meio do dispositivo de infantilidade, segundo Corazza: conexões com o pensamento foucaultiano. *Dossiê biopolítica*, Kalagatos, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 231-248, 2017.

PICH, Santiago; RODRIGUES, Norma Beatriz. Los cuerpos de Foucault : una genealogia de los estudios foucaultianos en el campo académico de la Educación Física en Brasil y en la Argentina. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 28, n. 3, p.453-467, 2014.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Trad. de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

SILVA, Miriã Zimmermann da; SCHERER, Renata Porcher; DAL'IGNA, Maria Cláudia. Docência, amor e gênero em pesquisas brasileiras do século XXI: implicações curriculares. *Série-Estudos*. Campo Grande, v. 24, n. 52, p. 123-144, 2019.